

Este volume da revista Pensamiento Americano tem a corrupção como um de seus artigos em destaque. E, embora possa parecer errado dizer isso, é necessário que nós, cidadãos, reconheçamos as pequenas corrupções que praticamos diariamente. Obviamente, há escalas de corrupção em vários níveis, mas essa corrupção, como produto do materialismo fetichista, faz parte de nossa história social. Não sejamos românticos ao apontar a macrocorrupção em níveis institucionais, por exemplo, e não o apontamos ao pagar o policial quando formos sacar uma quantia generosa de dinheiro nos bancos colombianos. Por causa do medo incutido em nossas mentes e narrado pelos jornais quase diariamente, aceitamos pagar a esse agente do lado de fora para nos proteger até chegarmos ao nosso destino com o dinheiro retirado do banco, com nossas vidas intactas. Costuma-se dizer que "é bom dar alguma coisa para o agente", embora seja função dele nos dar essa segurança, de acordo com as comunicações internas dos bancos. Mas... nós pagamos para que esse agente nos proteja e não para que nos denuncie a criminosos. Lamento dizer que é assim que fazemos parte da engrenagem da corrupção ativa. Podemos dizer que somos corruptos quando aceitamos a cesta de frutas do estudante que mora em Sabanalarga e precisa melhorar suas notas - nesse caso, a fruta é a moeda de troca. Seria a corrupção parte do sistema de aprendizado humano, seria a corrupção uma forma de sobrevivência em uma sociedade caótica e beligerante?

Quando uma pessoa oferece algo - a própria amizade - em troca de alguma vantagem, isso não seria um tipo de corrupção? Quando as pessoas são gentis com outras em determinadas situações, em que precisam obter vantagens, mesmo que não gostem dessas pessoas, isso não é um tipo de corrupção? Nesse caso, a moeda é muito mais cara porque estamos falando de sentimentos e emoções, de saúde mental.

Ainda assim, e isso deve ficar claro, não se trata de defender qualquer tipo de corrupção, mas de nos perguntarmos se nós também não estamos ajudando a girar essa roda histórica.

A corrupção alimenta a literatura, como a obra de Shakespeare:

A corrupção é o câncer que assola a Dinamarca. É o que corrói Hamlet, é o que... o sufoca. Cláudio é o personagem que representa toda essa corrupção. Foi ele quem cometeu o regicídio e que, portanto, inverteu a ordem natural da vida. A podridão na peça refere-se à corrupção. Vemos Cláudio como o vilão que corrompeu Gertrudes, Laertes e Polônio, praticamente todos os personagens, com exceção de Hamlet e Horácio. Ele não tem Iago - o personagem corrupto(r) que protagoniza Otelo, também de Otelo de Shakespeare -, mas ainda assim consegue conquistar o amor de Gertrudes e Polônio sempre com a intenção de manter o poder que conquistou não por meio de derramamento de sangue, como em Macbeth, mas com mentiras e sutilezas (Polidorio, Jurkevicz, & Sella, 2013, p.251).

13

Dizem que a arte imita a vida e, de acordo com Polidorio, Jurkevicz e Sella (2013), Shakespeare conseguiu entender e capturar a natureza humana, e a corrupção faz parte das relações humanas:

O entendimento de Shakespeare sobre a natureza humana é impressionante. Ele lida com os conflitos humanos que sempre existiram, como o ódio, o amor, a usurpação do poder, a traição, a vingança, o

belo, o feio, a tirania, a angústia, a melancolia, a ambição etc. Todas essas características compõem nossa natureza. Todas essas características compõem nossa natureza. Em suma, Shakespeare explora o bem e o mal que existem em todos os seres humanos (Polidorio apud Polidorio, Jurkevicz, & Sella, 2013, p.258).

Portanto, o problema da corrupção que afeta as instituições, a comunidade empresarial, o ambiente político, entre outros, não é apenas um problema estrutural, mas também um problema de socialização humana ou mesmo de relações humanas. De qualquer forma, destaca-se o problema econômico da corrupção estatal, que fomenta a desigualdade social, especialmente na América Latina, onde a corrupção é naturalizada, parte da história do próprio desenvolvimento humano.

Referência

Polidoro, V; Jurgevicz, R; Sella, P. (2013). Hamlet: uma expressão da corrupção humana. *Revista Entrelinhas*, 7(2), 250-259.